

A LEITURA DO JOVEM EM UM COLÉGIO PÚBLICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

RODRIGO RUAN MERAT MORENO (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)).

Resumo

A leitura é uma prática muito discutida dentro e fora do âmbito educacional e acadêmico. A pesquisa "A leitura do jovem: concepções e práticas", da qual faço parte, tem como um dos objetivos trazer de volta esse debate, examinando concepções e suportes de leitura relacionados ao jovem que vive, atualmente, na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, busca-se examinar definições acerca do conceito de juventude em circulação na sociedade contemporânea. Esta investigação é realizada por meio da abordagem teórica que toma a leitura como prática histórica, social e cultural (Chartier, 2001), confrontando-a com as concepções de leitura disseminadas pelo poder público. Este trabalho visa discutir alguns dos resultados da pesquisa mencionada, obtidos através da aplicação de 200 questionários em um colégio estadual da rede pública, situado na zona sul do Rio de Janeiro. A partir das respostas coletadas, procedeu-se à análise e aos comentários, estabelecendo-se categorias, tais como: leitor ideal, leituras preferidas, leitura obrigatória, entre outras. Vale ressaltar que também foi criado um perfil do colégio pesquisado a partir dos resultados obtidos. Na etapa enfocada, houve o diálogo especialmente com base no estudo "Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura", de Michèle Petit (1999), procurando-se observar as concepções e as funções de leitura recorrentes.

Palavras-chave:

Juventude, Leitura, Colégio Público.

A leitura é uma das práticas mais discutidas hoje em dia. A concepção, principalmente na visão dos jovens, não está muito bem definida. A pesquisa "*A leitura do jovem: concepções e práticas*" (SILVA, 2006) apresenta como um dos seus propósitos desmistificar a noção de que os jovens brasileiros não leem, buscando, por outro lado, perceber a concepção que estes jovens possuem acerca da leitura. Sendo assim, buscamos examinar a leitura realizada por esses jovens que vivem hoje na cidade do Rio de Janeiro, por meio da abordagem teórica que toma a leitura como uma prática que apresenta a intervenção da história, da sociedade e da cultura (CHARTIER, 2001).

Para a realização da pesquisa, adotamos, em sua primeira fase, a investigação baseada em uma análise qualitativa de natureza etnográfica para, assim, melhor conhecer o perfil dos jovens em seu contexto de vida, suas preferências acerca da leitura, suas práticas como possíveis leitores e as formas de apropriação concebidas por eles.

Vale lembrar que os dados colhidos foram extraídos de questionários aplicados a estudantes que cursam a formação de professores em um colégio estadual na zona sul do Rio de Janeiro. Torna-se relevante examinar a posição de futuros educadores acerca da leitura, que pode ser de extrema importância para o desenvolvimento de alunos letrados e alfabetizados. Este colégio atualmente é coordenado pela Metropolitana X[1] e possui dois cursos de Ensino Médio, que são a formação de professores (manhã e tarde), como dito anteriormente, e a formação geral (noturno).

Deste modo, aplicamos 200 questionários, com vistas à elaboração de um perfil dos jovens desta instituição.

A partir das respostas obtidas, analisamo-as, neste trabalho, baseando-nos no estudo "Nuevos Acercamientos a los jóvenes y la lectura", de Michèle Petit[2]. Procuramos, assim, observar as concepções e as funções de leitura recorrentes.

Importar ressaltar que consideramos os dados adquiridos na pesquisa como um meio para que possamos identificar as formas de apropriação realizadas pelos jovens leitores dentro e fora do espaço escolar. Procuramos também saber se essa instituição auxilia no desenvolvimento do aluno como leitor em outros espaços sociais, e qual a influência desses outros espaços, como, por exemplo, a família, nas experiências vividas pelo leitor.

Os jovens costumam serem focos de uma atenção especial, dentro e fora do espaço acadêmico, pois estão passando por um processo de transformação tanto física quanto mental, e, como Petit (1999, p.49) nos fala:

[...] a adolescência, em todas as épocas, tanto para rapazes como para moças de todas as categorias sociais e de todos os países, é também um momento de "crescimento pulsional", como dizem os psicanalistas; são os anos em que o corpo se transforma radicalmente.. (PETIT 2008, p. 49) (Tradução do livro em português por Celina Olga de Souza).

Deve-se lembrar também dos jovens que estão em comunidades de risco, convivendo com violência e carências que envolvem necessidades básicas. Petit (1999) também fala sobre eles e de sua importância:

Mais trágico ainda é ver, em todo o mundo, jovens serem mortos, feridos, atingidos pela violência, pelas drogas, pela miséria ou a guerra. [...] dessa preocupação venha da impressão da perda de controle, do medo diante do desconhecido. A juventude simboliza este mundo novo que não controlamos e cujos contornos não conhecemos bem. (PETIT 2008: 16) (Tradução do livro em português por Celina Olga de Souza)

A leitura relacionada aos jovens, de um modo geral, é concebida de forma desvalorizada, mas deve-se olhar em direção à raiz da questão para uma melhor compreensão.

Nas análises das respostas obtidas, podemos afirmar que a relação da renda mensal com o número de pessoas que vive na mesma residência pode impossibilitar o acesso ao livro (ou a algum tipo de leitura privilegiada); na maioria das respostas, quando se possui uma renda mais baixa, maior é o número de pessoas vivendo numa mesma residência. Temos o exemplo de alunos com a faixa salarial entre 1 até 3 salários mínimos e com mais de 7 pessoas morando numa mesma residência.

A desigualdade social, como visto anteriormente, ainda pode ser verificada no cotidiano de um ambiente de socialização tão comum como a escola. Sendo assim, é adequado dizer que pessoas com o mesmo tipo e grau de escolarização podem ter mais acesso ou não aos livros. Vale refletir sobre questões que vão além do acesso ao livro, como a precariedade alimentar, a moradia, a vestimenta e o saneamento básico oferecidos pelo Estado.

A partir deste pressuposto, constatamos a necessidade de abordar um dos temas centrais da pesquisa: identificar se os jovens se consideram leitores ou não. Esses dados foram obtidos partindo da relação entre as faixas salariais em que os jovens do colégio estão inseridos e da indagação se eles se consideram leitores. A relação foi estabelecida para que pudéssemos avaliar se a condição financeira impossibilita a criação e o desenvolvimento de leitores.

Os resultados obtidos indicam que a condição de leitor não está diretamente ligada à condição financeira, visto que a maioria dos alunos, mesmo possuindo uma condição financeira não muito alta, se considera "leitor". Vemos isso quando, nos resultados adquiridos, 62% dos jovens que possuem a faixa salarial de 1 até 3 salários mínimos se designam como leitores, indo em direção contrária aos 38% que possuem a mesma renda e não se consideram.

Através desse resultado, podemos desconstruir o conceito de que as pessoas em situação financeira pouco favorecida não leem, não se interessam pela leitura ou não se consideram leitores. Pode-se dizer que esses jovens leitores veem na prática da leitura uma forma de ingresso em uma esfera cultural considerada característica das pessoas com uma condição financeira melhor, e uma forma de promoção social por meio da informação, percebendo a leitura como colaboradora para o crescimento pessoal e social. Esses jovens, apesar não terem uma condição financeira alta, procuram ter acesso a livros através de empréstimos com os amigos, nas bibliotecas públicas, em sites da internet e principalmente nas escolas.

Petit (1999) alerta sobre a importância das bibliotecas públicas e da leitura como formadoras de personalidade e como afirmação da cidadania:

Nosso projeto foi selecionado e estudamos, então, qual poderia ser a contribuição das bibliotecas públicas na luta contra os processos de exclusão e marginalização, analisando, não como os jovens recebiam ou não uma chuva de bons textos destinados a garantir sua adequação a uma suposta 'identidade francesa', mas como alguns se apropriavam ativamente do conteúdo de uma biblioteca, o que faziam como ele, e o que aquilo mudava em suas vidas. (PETIT 2008, p. 51/52) (Tradução do livro em português por Celina Olga de Souza)

Os dados expostos anteriormente nos mostram como os jovens pesquisados são diferentes dos que estão inseridos na sociedade francesa. Petit (1999) adverte sobre o que acontece com o uso do livro entre os jovens nesse contexto:

Já observaram que, de vinte anos para cá, a proporção de leitores entre os jovens diminuiu, quando se poderia esperar que aumentasse devido à maior escolarização. Segundo esses, a causa seria a seguinte: aos livros, os jovens preferem o cinema ou a televisão, que identificam com a modernidade, a rapidez e a facilidade; ou preferem a música, o esporte, que são prazeres compartilhados. (PETIT 2008, p. 17) (Tradução do livro em português por Celina Olga de Souza).

Michèle Petit também reflete sobre as leituras concomitantes, que, olhando mais de perto, estão inseridas em todas as sociedades. Um exemplo apontado é que nos Estados Unidos 80% dos jovens não praticam e nem sabem o que significa ler em silêncio, pois, na maioria das vezes, quando esses jovens lêem estão ouvindo música no *walkman* ou estão vendo televisão ao mesmo tempo. Assim, esses adolescentes não experimentam a sensação de ler sozinho e em silêncio. Corroboramos com esta posição, já que a leitura em silêncio e de modo isolado faz com que as pessoas tenham sensações e ideias que a leitura de diferentes formas não ocasiona.

Com esse primeiro olhar acerca dos alunos leitores, percebemos a necessidade de observar os locais onde estes recebem estímulos para exercerem a leitura. Dentre as respostas obtidas, destacam-se os seguintes locais: a família, a escola, a igreja, o teatro e o trabalho. Assim, vimos que o desenvolvimento desses leitores vai além do espaço escolar.

A família destaca-se como um dos principais lugares de incentivo à leitura, configurando-se como um dos lugares fundamentais para a formação de pessoas que possuem consciência da sua subjetividade e das práticas sócio-culturais que exercitam. A partir da relação entre o número de pessoas na família e da indagação se recebe incentivo à leitura ou não, buscamos compreender a função e a proporção da interferência e da influência da família na constituição de jovens leitores.

Inferimos, pelos resultados, que quanto mais baixa a faixa salarial maior o número de pessoas por família e que o incentivo à leitura aumenta. Isso pode ser observado no gráfico a seguir:



Deste modo, percebemos uma diferença clara em relação ao que aconteceu no passado na França. Michèle Petit (1999) elucida que muitas famílias que moravam na zona rural desaprovavam a prática da leitura, pois a consideravam inútil e desnecessária. Essa ideia acerca da leitura foi concebida porque as pessoas não eram educadas para práticas culturais, mas apenas para o trabalho braçal.

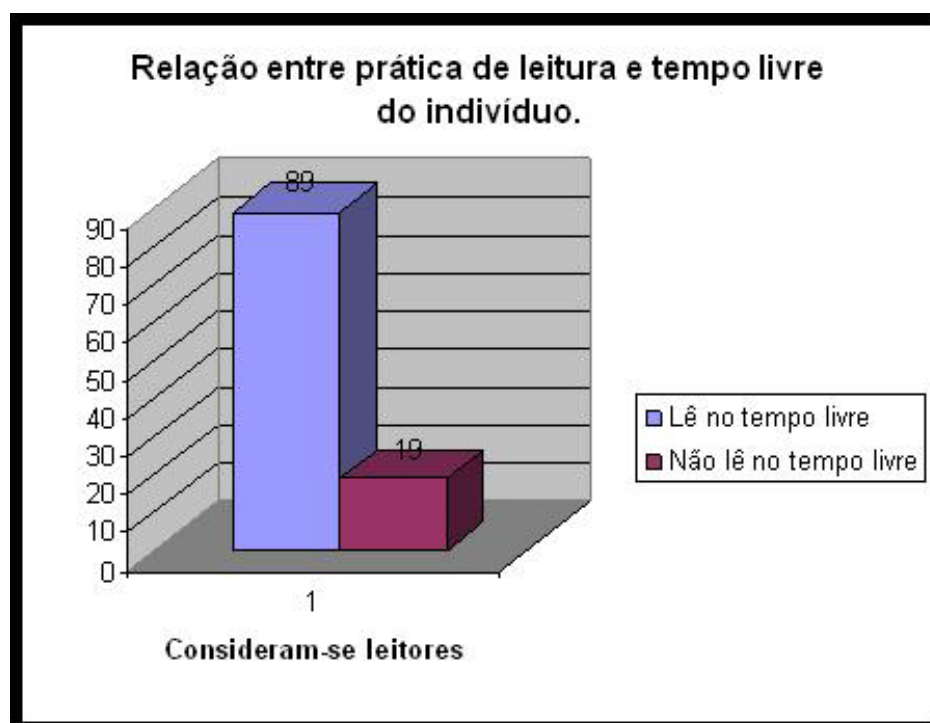
As pessoas, muitas vezes, desconhecem a função da leitura. Esta tem o papel de oferecer consciência às pessoas, através de uma assimilação da língua e do capital cultural e escolar oferecidos, ainda que o capital cultural não acompanhe o capital econômico. Como Petit (1999, p.26/27) adverte:

[...] a leitura desperta o espírito crítico, que é a chave de uma cidadania ativa, é porque permite um distanciamento, uma descontextualização; mas também porque abre um espaço para o devaneio, no qual outras possibilidades são cogitadas. (PETIT 2008, p. 27/28) (Tradução do livro em português por Celina Olga de Souza).

Para os jovens pesquisados, a escola - que deveria ser o espaço mais favorável de mediação entre o livro e o aluno - se limita a leituras relacionadas à formação docente, não incentivando outros tipos de leituras de escolha própria. A escola poderia desenvolver a noção segundo a qual, através da leitura e do incentivo aos alunos, que, na sua maioria moram em comunidades marginalizadas e carentes[3], é possível que eles se afastem dessa realidade, moldando um novo mundo de possibilidades e de reflexão. Lembrando que Petit (1999, p.19) nos diz: "[...] la lectura es tanto un médio para elaborar su subjetividad como un para acceder al conocimiento."[4]

A partir do pressuposto de que a leitura é uma prática relacionada à formação histórica e cultural, além dos muros da escola, foi primordial reconhecer as categorias que constituem a vivência cultural dos jovens que, muitas vezes, dividem o tempo de lazer com a leitura. Deste modo, convém apontar o espaço que a leitura ocupa nesses momentos livres, para, assim, podermos analisar se esses jovens possuem autonomia para escolher o que desejam ler.

Os gráficos, a seguir, mostram que a leitura entre os jovens não é desprestigiada como dizem, visto que, até nas horas livres, quando podem fazer outros tipos de atividades, eles preferem ler. O mais surpreendente nesses dados é que mesmo os jovens que não se consideram leitores leem nas horas de lazer. ANEXO 2 ANEXO 3





Vale ressaltar a revista *LeituraS*[5], que evoca a leitura como prática social. Entre muitos artigos interessantes que ela contém, destaca-se a reportagem *Sim, os jovens lêem*, de Vera Masagão Ribeiro, que desmistifica a idéia de que os jovens brasileiros não leem, baseando-se no INAF 2005 e no Pisa 2000. Masagão (2006) afirma que os jovens leem até mais e melhor que os adultos :

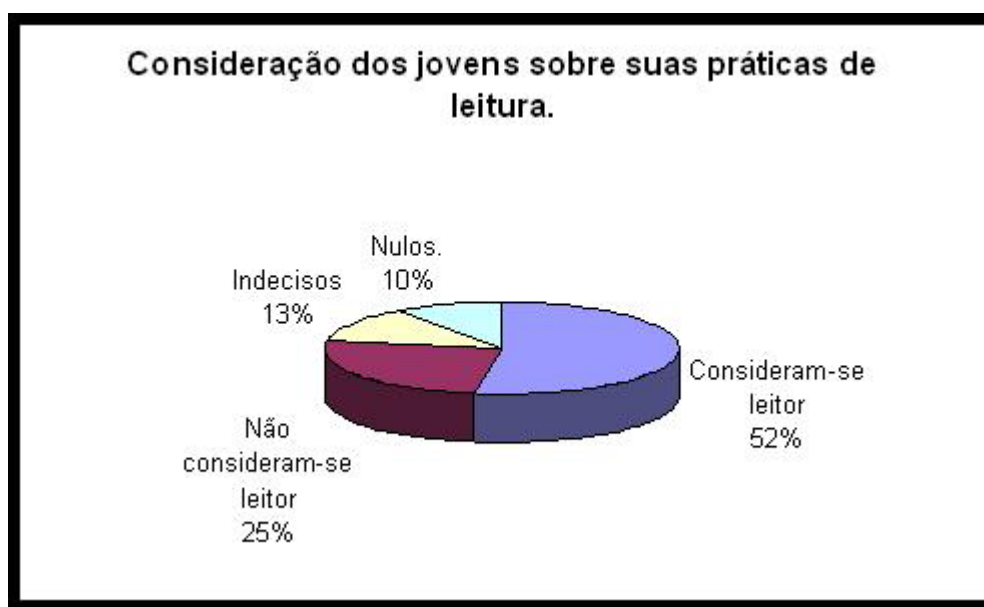
[...] de forma geral, os jovens lêem melhor que os adultos brasileiros. Mesmo quando comparamos os jovens e adultos com uma escolaridade semelhante muitas dessas diferenças se mantêm. Assim, o mito de que o jovem não lê ou não gosta de ler cai por terra. É certo que alguns tipos de leitura interessam mais aos jovens do que outras; por exemplo, o Inaf mostra que os jovens lêem mais livros de ficção e poesia que os adultos, enquanto esses preferem o jornal e os livros religiosos. O computador, que cada vez mais se impõe como suporte dos mais diversos textos para leitura, ainda não é acessível à grande maioria da população, mas é principalmente entre os jovens que seu uso é mais freqüente. (MASAGÃO 2006, p. 36)

A partir deste artigo escrito por Masagão (2006), é necessário enfatizar que muito se comentou sobre a péssima posição do Brasil no Pisa 2000 no requisito habilidades de leitura, mas não se comentou a sua posição no requisito

[...] interesse pela leitura, os jovens brasileiros ficaram entre os primeiros, ao lado de países como Finlândia e Dinamarca, enquanto que jovens de países campeões nos testes, como os japoneses e sul-coreanos, ficaram "na lanterna". Isso quer dizer que, apesar das deficiências da escola brasileira quando comparada a de outros países, os

jovens brasileiros, muito mais que outros de países desenvolvidos, valorizam a leitura como prática cultural. (MASAGÃO 2006, p.36)

No decorrer da pesquisa, concluímos que era muito importante consideramos o que os jovens têm a nos transmitir, pois achamos primordial a fala mais autônoma dos jovens, capazes de transformar o ambiente em que vivem boa parte de seu tempo, "espaços estriados", onde eles ficam retraídos e são controlados, em "espaços lisos", onde eles têm liberdade e autonomia (Deleuze e Guatarri, 2001). A partir do pressuposto dos jovens terem a liberdade de expressar o que sentem e o de que muitas vezes não falam, examinamos suas reflexões acerca das práticas de leitura - se eles se designam leitores ou não leitores - agora, abrindo mão da condição financeira dita anteriormente. O gráfico, a seguir, indica como os jovens daquela instituição se nomeiam:



Buscando conhecer o perfil e a imagem do leitor a partir da reflexão desses jovens, e se estes se reconhecem como leitores, e seus medos em torno desta prática, indagamos acerca dessa idéia. As respostas evidenciaram a relação entre o leitor e a prática da leitura ligada ao prazer, já que a maioria dos que se consideram leitores afirmava ler em seu tempo de lazer. Por outro lado, também pudemos notar o confronto de idéias por parte dos jovens. Destaca-se a expressão de medo, ainda existente, em relação a se considerar leitor e a idealização destes por parâmetros escolares e sociais. Aqueles que não se consideram leitores, em sua maioria, lêem em seu tempo livre, mas dizem não ler a quantidade suficiente e nem conforme a qualidade necessária. Por isso, 25% dos alunos pesquisados não se designam leitores.

A partir dessa mesma idéia - não ler a quantidade suficiente e nem necessária para ser leitor - destacamos os 13% dos jovens indecisos. Muitos desses jovens seguem essa mesma idéia e também não sabem se são leitores ou não devido ao tipo de leitura por eles realizadas. Os Mangás, revistas em quadrinhos e de celebridades se destacam entre os pesquisados. Petit (1999) elucida sobre a importância dessa diversidade de leituras realizadas pelos jovens, a partir do depoimento de Ridha:

[...] os livros representavam tantas alternativas, tantas possibilidades, saídas, soluções para problemas, e tantas pessoas e individualidades quantas eu podia encontrar no mundo. Pela diversidade dos livros, das histórias, existe uma diversidade de coisas e é como a diversidade dos seres que povoam essa terra e que todos gostaríamos de conhecer [...](PETIT 2008, p. 30/31) (Tradução do livro em português por Celina Olga de Souza).

De modo a ilustrar a diversidade de leituras realizadas pelos jovens do colégio pesquisado; destacamos a figura[6] a seguir, que evidencia a leitura de revista de conteúdo relacionado ao ritmo musical funk.



O estereótipo de leitor fica mais evidente quando observamos a diferenciação que os jovens fazem entre a sua prática e a do leitor ideal. Mesmo aqueles que se consideram leitores apontaram práticas diferentes das ideais, demonstrando o acréscimo de algumas práticas, principalmente de caráter científico, e eliminando algumas como as piadas, crônicas e SMS. Vale ressaltar que nas questões acerca da prática por eles realizada e a do leitor ideal, aparecem os seguintes tipos de leituras:

- Piadas;
- Poemas;
- Quadrinhos;
- Romances;
- SMS;
- Propagandas;
- Letras de músicas;
- Artigos científicos;

- Matérias jornalísticas;
- Artigos esportivos;
- Artigos políticos;
- Cartas/ E-mail;
- Crônicas;
- Revistas (personalidade).

É evidente a valorização ao lado da desvalorização de algumas formas de leitura presentes no imaginário destes jovens, o que deduzimos não serem construídas por eles, já que logicamente reconhecemos como importante aquilo que praticamos e de que gostamos, a não ser que está prática seja estigmatizada pelos demais.

No gráfico a seguir, observamos esta relação entre a leitura praticada pelos jovens e a que eles acham que seja a leitura realizada feita pelo leitor: ANEXO 6

Ao refletirmos sobre este gráfico, percebemos que 77 % dos jovens consideram a leitura que realizam diferente das praticadas realizadas pelo leitor ideal e da leitura que eles têm como referência. Deste modo, levantamos a hipótese de que esses jovens estão "acostumados" a não valorizar as suas práticas de leitura, reconhecendo apenas aquelas eleitas pela escola.

Os obstáculos para o incentivo e o desenvolvimento do leitor são variados. No questionário, em uma das questões descritivas indagamos: "*Quais os desafios (tempo, acesso, suporte textual e etc.) encontrados para a formação de um leitor? Você se considera um leitor? Explique o por quê*" [7]. No decorrer da sistematização dos dados vimos que muitos deles não liam porque trabalhavam ou faziam estágio depois da escola e, no tempo que sobrava, eles faziam outras atividades consideradas "mais interessantes". O acesso foi dito como um obstáculo também muito presente, porque a maioria desses jovens não possui poder aquisitivo elevado. Petit (1999) comenta sobre o acesso à leitura na sociedade francesa:

[...] existem pessoas dos setores mais pobres da população que tiveram a oportunidade de ter acesso aos livros, e experimentaram - em alguns casos por meio de um único texto - toda a amplitude da experiência da leitura. Nela, encontraram palavras que as transformaram, as trabalharam, às vezes muito tempo após tê-las lido. Inversamente, certas pessoas nascidas em bairros ricos falam de literatura nos salões e sentimos, ao ouvi-las, que nunca passaram por essa experiência, essa transformação. Procuraram nos livros apenas um modo de impressionar os amigos. Falam de literatura, mas é como se pessoas frígidas fizessem um discurso sobre o amor carnal. (PETIT 2008, p. 42) (Tradução do livro em português por Celina Olga de Souza).

Nossa intenção nesta análise era perceber as causas implícitas para o afastamento da leitura nas respostas que os jovens nos deram. Um exemplo bastante recorrente foi que jovens alegaram como desafio a falta de tempo, mas, igualmente, marcaram não ler no tempo livre e disseram não serem leitores por falta de interesse. Assim, deduzimos que a falta de tempo não é um desafio real, pois mesmo quando têm tempo livre não lêem e não demonstram se interessarem pela prática.

Como suspeitávamos, a maioria diz não conseguir realizar com mais frequência a prática de leitura por eles apreciada, devido às responsabilidades acadêmicas, pois lêem com frequência textos e estilos científicos.

Por outro lado, a prática religiosa mostra-se presente na vida dos jovens pesquisados e esta influencia a prática de leitura, visto que a religião tem grande importância em seu cotidiano. As denominações relacionadas às religiões citadas por esses jovens foram:

- Católico;
- Evangélico;
- Espírita;
- Ateu;
- Outras seitas, como: testemunha de Jeová.

Vale lembrar que a maioria dessas religiões tem na bíblia a sua base e a leitura primordial para a sua prática. Observando o gráfico exposto a seguir, 56% consideram-se leitores e praticam algum tipo de religião. ANEXO 7

Como podemos observar, a prática religiosa está ligada à prática da leitura. Podemos levantar a hipótese de que as religiões, em sua maioria, utilizam suportes textuais na doutrina. Por exemplo, os que se declaram leitores em sua maioria, se autodenominam evangélicos e lêem a bíblia. Historicamente, estes defendem o ideal de popularização e livre interpretação dos textos bíblicos desde os movimentos religiosos do século XVIII, havendo um rompimento com a Igreja Católica. Uma parcela dessas pessoas continuou no catolicismo e uma outra formou outra religião, o protestantismo, com o propósito de reivindicar a popularização e livre interpretação da bíblia, o que não acontecia na Igreja Católica.

Em suma, vimos que, mesmo com tantas dificuldades, como: a falta de tempo, de acesso, a difícil condição financeira, esses jovens e futuros educandos leem. Nessa perspectiva, vale destacar a seguinte frase de Carlos Drummond de Andrade, acerca da leitura: "A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas, por incrível que pareça, a quase totalidade não sente esta sede".

Nas fases posteriores da pesquisa, será adotada a técnica do grupo focal com os jovens, com vistas a ampliar os resultados preliminares deste estudo. Temos

consciência de que esta fase, associada ao texto de Michèle Petit, "Nuevos Acercamientos a los jóvenes y la lectura", foi de extrema importância para a pesquisa "A Leitura do Jovem: Concepções e Práticas" (SILVA, 2006), o que nos serve como estímulo para dar continuidade à pesquisa.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. Disponível em: <
http://www.opensador.info/autor/Carlos_Drummond_de_Andrade/ > Acesso em: 17 de julho de 2008.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da Leitura*. 2ª edição. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.

DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Felix. *Mil Platôs*. 5 volumes. São Paulo: Editora 34, 2001.

MASAGÃO RIBEIRO, Vera. *Sim, os jovens lêem*. Revista LeituraS. Ano 1, n.01, novembro de 2006.

PETIT, Michèle. *Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura*. México: Editora Fondo de Cultura Económica, 1999.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.

SILVA, Márcia Cabral da. *A Leitura do Jovem: Concepções e Práticas (Projeto de Pesquisa)*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

[1] A Metropolitana X, é uma coordenação dos colégios estaduais da região do Centro, Jardim Botânico, Laranjeiras, Leblon, Botafogo, Gávea, Ipanema, Lagoa, Barra da Tijuca, Catete, Glória, Rio Comprido, Estácio, Santa Tereza, Ilha de Paquetá, Santo Cristo, Tijuca, Vidigal, Praça da Bandeira, Jacarepaguá, São Cristovão, Grajaú, São Francisco Xavier, Maracanã, Copacabana, Vila Izabel, Vila Valqueire, Itanhangá, Vargem Grande, Urca, Catumbi, São Conrado, Triagem e Praça Mauá.

[2] Michèle Petit é formada em antropologia, atualmente é pesquisadora do Laboratório de Dinâmicas Sociais e Recomposição dos Espaços no Centre National de la Recherche Scientifique, na França e possui obras traduzidas em vários países da Europa e da América Latina.

[3] Dentre essas comunidades, estão: Favela da Rocinha, Ramos, Engenho da Rainha, Bonsucesso, Cidade de Deus, Lins de Vasconcelos, Rocha Miranda, Gardênia, Tanque, Rio das Pedras, entre outras.

[4] "[...] a leitura representava tanto um atalho para elaborar sua subjetividade quando um meio de chegar ao conhecimento." (PETIT 2008, p. 20) (Tradução do livro em português por Celina Olga de Souza).

[5] A revista "LeituraS" consiste em uma publicação feita pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, produzida pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental/COGEAM e financiada pelo Projeto da Unesco.

[6] Vale lembrar que esta ilustração foi à inspiração para a elaboração do trabalho apresentado por essa pesquisa no JUBRAIII (III Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira), no ano de 2008 em Goiás.

[7] Pergunta retirada na íntegra do questionário aplicado no colégio.